

ASPECTOS LÉXICO-FONOLÓGICOS DA CIDADE DE BALSAS-MA

Maria Célia Dias de CASTRO (UFG)¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise fonético-fonológica de uma lista de itens e expressões lexicais da linguagem oral dos informantes de sessenta anos de idade, naturais da zona rural de Balsas-MA. A base teórica do mesmo serão os pressupostos da lingüística histórica num dialogismo com a sociolingüística e a geografia lingüística. A partir das interações sociais proporcionadas em contexto de conversas informais, será efetuada a pesquisa de cunho etnográfico, mais precisamente a técnica de entrevista, cujos eventos de fala constituirão os *corpora* nos quais procuraremos identificar algumas formas de construção identitárias próprias do dialeto local.

Palavras-chave: Aspectos léxico-fonológicos, linguagem oral e dialeto.

Abstract: The main objective of this study is to do a phonetics-phonological analysis of a list of lexical items and expressions of the oral language of sixty-year-old informants who are natural from the rural area of Balsas-MA. The theoretical base of this study are the conjectures of the Historical Linguistics which dialogue with both the Sociolinguistics and the Geographic Linguistics. According to the social interactions that occur during informal conversations, a research based on the ethnography will be accomplished. The speech events that constitute the *corpora* of this study will be collected from interviews and it will be by them that we hope to find some forms of the identity construction that are specific of the local dialect.

Key words: Phonetics-phonological aspects, oral language, dialect.

1. Introdução

Este artigo foi escrito com o intuito de iniciar os trabalhos de análise para a minha dissertação de mestrado. Ele inicia o desenvolvimento de inúmeras outras seguintes a serem realizadas para que possam resultar como fonte de apoio e reflexão à tomada de novas atitudes que possam colaborar no processo de constituição do trabalho final. Começamos, pois, com o seguinte questionamento: que aspectos fonético-fonológicos e lexicais ocorrem na linguagem oral dos falantes naturais como fenômenos lingüísticos peculiares à zona rural de Balsas? Antes de responder-la percorreremos o caminho metodológico pelo qual trilhamos durante a realização deste trabalho.

Para responder a essa questão inscrevemo-nos na perspectiva da lingüística histórica para dar conta de forma científica dos fatos de mudanças ou de preservação ocorrentes na história dessa variante sertaneja. Consideramos a heterogeneidade lingüística como fator sistemático de nossa realidade social e a partir desta opção teórica concebemos a linguagem, conforme o faz Faraco (2005, p. 103) “como um objeto intrinsecamente ligado à realidade social, histórica e cultural de seus falantes”, em que acreditamos nesses fatores como fundadores dos elementos que marcam esse falar sertanejo como uma variante. Posto isto, fica claro que nos reportaremos, ao longo da pesquisa, aos aspectos sócio-históricos e culturais para melhor podermos descrever essas características eco-lingüísticas.

Utilizamo-nos de dois procedimentos básicos para a realização da pesquisa, um para a coleta de dados e outro para a análise dos mesmos. Inicialmente um dos procedimentos adotados foram as entrevistas, por acreditarmos ser esta a abordagem que melhor se propõe à realização do levantamento desses dados e por ser um instrumento em que as taxas de retorno tendem a ser mais altas, conforme salienta Cozby (2003), além de que o contato por meio da interação face-a-face motiva os interlocutores a estabelecerem um diálogo mais produtivo. Esse procedimento foi fundante para o objetivo deste trabalho, em virtude de uma pré-negociação quanto ao tempo utilizado para o mesmo e à situação de familiaridade ecológica para o pesquisado, o que possibilita maior assimetria entre os participantes e a pesquisadora e, segundo afirma Goffman (1984), certa disposição para a convergência da linguagem. Os locais das entrevistas foram a própria residência dos entrevistados e eventos especiais, tais como reuniões de trabalho, festas e encontros religiosos em povoados

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística – Área de Estudos Lingüísticos – da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO. E-mail: celialeitecastro@hotmail.com.

e/ou localidades isoladas na zona rural de Balsas. O que fundamenta essa escolha é o fato dessas localidades serem pontos de preservação da língua, pelo menor contato com os meios de comunicação social, o que é de bastante interesse para esta investigação.

Observamos as variáveis extralingüísticas: faixa etária, a ocupação, o local de moradia e a origem do sujeito entrevistado, em virtude desses elementos serem indicadores de preservação da língua. Os participantes são trabalhadores e trabalhadoras rurais e pequenos proprietários de terras, a partir de 60 anos de idade, que habitam na zona rural e de preferência que sejam naturais daquele município ou para lá tenham chegado em tenra idade. A temática para as entrevistas tem sido o contexto sócio-cultural dos pesquisados, como a genealogia familiar, a história local, a experiência pessoal. Esses procedimentos favorecem a espontaneidade dos relatos, em função do envolvimento emocional, o que, segundo afirma Tarallo (2000), é bastante adequado para este tipo de pesquisa.

Para realizarmos as entrevistas, primeiramente fizemos uma expedição entre os dias 31 de julho a 03 de agosto, com o objetivo de coletar os *corpora*, na região do Gerais de Balsas, indo até 350 km de distância da cidade, onde visitamos várias localidades. Ao chegarmos a essas localidades, o primeiro passo era procurar manter um clima de informalidade, no que uma acompanhante nossa muito nos ajudou, por ser uma sertaneja, além de ter trabalhado muitos anos no Sindicato dos Trabalhadores Rurais local. Portanto, logo era estabelecido este entrosamento com a comunidade. O segundo passo era explicar o motivo de nossa visita e quais procedimentos seguiríamos, contactando com os prováveis colaboradores, de acordo com a idade e a naturalidade e verificando se havia concordância dos mesmos para com o trabalho. O terceiro passo era a realização da entrevista informal, sem uma lista prévia de questões, conforme sugere Agar (1980), e a concomitante gravação em fita cassete, abordando temas relacionados aos aspectos sócio-culturais do falante, seguindo-se ao preenchimento da Ficha do Entrevistado e do Termo de Consentimento.

Ao final da expedição, havíamos gravado 40 (quarenta) discursos, dos quais se resumiram em 30 amostras. De posse desses dados, iniciei a audição e a transcrição dos mesmos, dos quais utilizamos, por uma questão de tempo, apenas cinco, de cujos fragmentos tencionamos fazer um cruzamento bidimensional com a língua histórica. Posto isso, apresentamos os nossos dados.

2. Amostra da análise de dados coletados

Ao se iniciar o trabalho experimental de análise, fez-se o levantamento dos principais fenômenos ocorrentes nesse material, comparando-se, em alguns momentos, a língua real falada com os dados analisados pelos estudiosos do português histórico. Apresentamos, inicialmente, de acordo com Agar (1980), a partir de cinco entrevistas escolhidas de forma aleatória (*random sample*), a descrição dos principais fenômenos de singularidade lingüística recorrentes no discurso sertanejo, conforme relacionamos abaixo.

2.1. Aspectos fonético-fonológicos

2.1.1. Vogais

a) Levantamento

Levantamento de /e/ > /i/ e de /ẽ/ > /ĩ/

Qui	Onti, isquici
Quiria	Irmola
Ispirá, miorô	Dimais
Cabicera	Incanemu
Incanemu	
Infraquicenu	

Há alteração da altura da vogal átona em [ci] ao invés de *que* e da átona pré-tônica em [ci'l'riã], [isp'e'ráh], [mio'róh], [cebi'sécə], [ót'i], [isci'sí] por *queria*, *esperar*, *cabeceira* e *ontem*, em final de sílaba e de palavra; em [ice'nêmu] *encanamos*, [ifreci'sêmu] *enfraquecemos* no início de palavra.

Levantamento de /ã/ > /õ/

Tõbêi

/õ/ pretônico em início de palavra sofreu assimilação regressiva nasal e a posteriorização para /o/ no vocábulo [tõ'běj] *também*.

Levantamento de /o/ > /u/ e de /õ/ > /ũ/

Cũma, sufri	Acustumada
Cũmpetá	Cũicida, porque
Cũnversa	Cũmida, cumadi
Mermu, duenti	

Ocorre de /õ/ > /ũ/ em sílaba tônica e átona no início de vocábulo com a assimilação nasal ['qũmə] *como*, [qũ'petáh] *completar*, [qũ'vehsə] *conversa*; /o/ > /u/ : ['méhmu] *mesmo*, [ɛqu'ʃtu'madə] *acostumada*, em sílaba átona medial e final.

b) Alteração:

Alteração de /o/, /u/ > /a/, /e/, /i/ > /ɛ/

	Cũma
	Féjãu
	Mani
cípiu	
	Adév
ogadu	
	Déch
ava	

Registramos a alteração (abaixamento) dos timbres fechados para outro mais aberto contrariando a tendência mais natural que é a de elevação de timbre. No exemplo ao lado [o] > [ə] ['qũma] *como* na pós-tônica, [ej] > [e] > [ɛ] [fɛʒəw] *feijão*, [dɛ'fávə] *deixava*, [i] > [ɛ] [ɛdɛvɔ'gádò] *advogado* e [u] > [ə] [mõn'sípju] *município*, em sílabas pretônicas.

Alteração/redução do ditongo [ɔw] e [ũj]

Nũ
Ontõw
Enton
Muntu

Em [nũ] *não* houve a redução do ditongo [ɔw] em [ũ]; em [ẽtõ] *então* houve a monotongação em final de sílaba tônica para [õ]. Em [õ'tõw] *então* o ditongoônico em final de sílaba sofreu alteração para [õw]. Quanto ao ditongo em sílaba inicial em *muito*, reduziu-se a ['mũtò]

c) Apagamento de vogais:

Apagamento de vogal inicial com redução do número de sílabas

Güentu, rancu, té
Pusentada
Tarra

Em [ɛ'ɣ̃ɛtu] *agüento* houve o apagamento do fonema átono inicial /a/ - aférese - com a redução da palavra para [ɣ̃ɛtò]. O mesmo ocorre em ['xãqu] *arranco*, [tɛ] *até*, [puzɛ'tádə] *aposentada* e ['táxə] *estava*.

Apagamento de vogal medial com redução do número de sílabas

Priquitu
Córgu
Cíçu

Em *periquito*, *Cícero córrego* houve o apagamento da vogal pretônica e postônica [ɛ] respectivamente, modificando os vocábulos para [pɾi'ʃitù] e [ˈsísu], [ˈqɔʁɔ] confirmando uma tendência natural que há na língua portuguesa em tornar as proparoxítonas em palavras paroxítonas.

Monotongação

Olivera	Mandô, chegô Onti, passari
Vaqueru	Salaru, barru
Fejãu, nã	Linguagi, Baxa
Dechava, Glauçu	
Cabicera, pocus	

Os ditongos [ej] > [e], [ɛ]; [ow] > [o], [ɛj] > [i], [ɛw] > [ɔ], [aj] > [a] e [jo. ju] > [u]. Esses três primeiros ditongos comumente se apresentam de forma reduzida, mesmo nos exemplos em que a sílaba é tônica. Em todas essas ocorrências houve o apagamento dos glides [j, w]. Temos a monotongação de [ou] > [o] aqui registrada somente sílaba tônica final, como em [mɛnˈdóh] *mandou* e [ʃeˈgóh] *chegou*. O ditongo postônico [ɛj] > [i], como em [ˈõtʃi], [ˈlɪgˈwázɪ] *ontem*, *linguagem* sofre este mesmo processo.

d) Acrescentamento:

Ditongação das vogais finais /a/, /e/, /i/, /o/, /u/

Nois
Traveiz
Meizi

Quando precedem o fonema /s/ em sílaba final tônica, essas vogais tendem a realizarem-se como um ditongo, com o acrescentamento do glide /j/: [nójz], [treˈvéjz], [ˈméjzɪ] *nós*, *outra vez*, *mês*.

Ditongação da vogal nasal /ã/

sãigui

Quando precede a oclusiva velar /g/ em posição medial, essa vogal nasal realiza-se como um ditongo com o acrescentamento do glide /j/ e o espraçamento da nasalização: *sangue* [ˈsɛjɣɪ].

O /ɛ/ e o /i/ epentéticos

Adevogadu
Dificulidade

A epêntese foi marcada em [ɛdɛvɔˈgádù] *advogado* e em [dʒɪfɪculɪˈdádɜɪ] *dificuldade* com o acrescentamento das vogais /ɛ/ e /i/ em sílabas pretônicas no meio da palavra, confirmando a tendência natural da sílaba CV em português.

O /i/ paragógico

Tali, quali, soli
Civili, cascaveli
Treizi, iguali
Pessoali, maizi

A paragoge foi registrada em ['tálɨ] *tal*, [sɪ'vɨli] *civil* e em ['trêjzɨ] *três*, com o acrescentamento da vogal /i/ à consoante final modificando a sílaba CVC > CV. A pesquisa efetuada apresentou exemplos de paragoge, um fenômeno bastante produtivo na fala de pessoas idosas. Willians (1994) apresentou o /e/ como vogal paragógica no português moderno, em palavras adquiridas por empréstimos: *Chic* > *chique*; *kiosk* > *quiosque*; *árabe khaiyat* > *alfaiate*. Ele afirmou, ainda, que o /s/ é frequentemente adjungindo aos advérbios terminados por vogal, ao que ele exemplifica com *ante* > *antes extunce* > *entonce* > *entonces* (arcaico). Justifica essa tendência possivelmente pela influência de alguns advérbios como *magis, e por*.

e) Harmonização vocálica:

Harmonização vocálica com /i/

Aduici, ãliá	Ligiti/ ligítmu
Qundu, bucadu	Mutivu, consigui
Mininu, pirigoso	Paricidu, Atindida
Pricisava, ispeci	

A harmonização vocálica é, segundo Crowley (2003), o processo em que há a assimilação de uma ou mais características de uma vogal para outra vogal na mesma palavra, o que ocorre em vocábulos como [ɛduɾ'si] *adoeci*, [mĩ'nĩnũ] *menino* e ['qũdu] *quando*, em que as vogais [e], [a] se assimilaram respectivamente às vogais altas [i], [ũ].

2.1.2. Consoantes

a) A fricativização glotal ou aspiração do /r/ em /h/:

Apócope da consoante final /r/

Falá, arrumá, í,
mandô, lê, dizê,
isperá, ligá, vê,
passá, pu

A apócope do /r/ - alofone – na sílaba tônica final de palavra e marcador do verbo infinitivo português é muito comum desde o *continuum* rural ao urbano no dialeto pesquisado, gerando a fricativa glotal /h/, como em [fa'láh] *falar*, [pa'sóh] *passou*, [axu'máh] *arrumar*. Ocorre a apócope em preposições como [puh] *por*.

Apócope da consoante final /s/

ôibu

.

O /s/ em sílaba átona final de substantivos como ['õjbũ] *ônibus* tende a sofrer apagamento, ou seja, pode ocorrer como *zero fonético*. Este fenômeno lingüístico é registrado desde o período latino (ILARI, 1999, p. 82), em consoantes com [m]: *hominem* > *omine*; *lúmen* > *lume*; *quattuor* > *quattro*; *amat* > *ama*. O *Appendix Probi*, uma lista com mais de 200 erros relacionando o *continuum* latim clássico vs. latim vulgar, já apresentava a mesma ocorrência (ILARI, 1999, p. 67).

Olim non oli
Carcer non car

Barbarus non barbar
Lanius non laneo

Glotalização /s/ > h/

Mermu, irmola,	num, ur miminu
essir dia, essir	dor dia, mermu
documento, adepor	nor brocava, ur nozim, mar na...
da, ser meizi,	foça, mar nãu, ar moça

A primeira condição para que ocorra a fricativização glotal do /s/ é que esse fonema deve apresentar-se como coda, depois deve ser seguido de uma consoante bilabial /p/, /b/, /m/ ou de uma dental /t/, /d/, /n/. Ocorre, por exemplo, em [nóh brɔ'cávə] *nós brocávamos*, [l'ési h dɔqu'mêtu] *esses documentos*, diferentemente de [nójz kapmávə] *nós capinávamos*.

b) A velarização de /v/, /z/ e /z/ em /x/:

Velarização

Andarra	Ramu, dirragazim
Rá, renti	Mudarra
Judarra	Tarra, rixi Maria

Ocorre com consoantes fricativas labiodentais e pós-alveolares sonoras em posição de ataque na sílaba, realizando-se como velares surdas. Em [ə'dávə] > [ə'dáxa] *andava*, [l'zjá] > [l'xá] *já*, [l'Xífi Me'ríə] *Virgem Maria*. A labiodental /v/ parece estar sofrendo um processo de enfraquecimento nessa região.

c) A palatalização do /s/ diante de /t/ e de /n/ e /l/ diante de /i/:

Palatalização de /s/ > /ʃ/

Acostumada, pesti, história,
pastu, esta, estudo

A palatalização é uma assimilação influenciada pelas frontais ou por consonantal. Há a palatalização da fricativa /s/ diante da dental surda /t/ tônica ou átona, com as seguintes formas: [ɛquʃtu'mádə] *acostumada*, [l'péʃtɪ] *pesti*, [lʃtórjə] *história*, [l'páʃtu] *pasto*, [l'ɛʃtə] *esta* e [ɛʃtúdu]

Palatalização de /n/ > /ɲ/ e do /l/ > /ʎ/

Manicípio,	piquininã, ali,
mininu,	ligeiru,
sinicatu,	alimentu, ligítimu

As dentais /n/ e o /l/ em sílabas pretônicas ou tônicas apresentam uma realização palatal diante da vogal anterior /i/, quando ocorre a assimilação, conforme Crowley (2003), em virtude da característica palatal da vogal anterior ser transferida para a consoante vizinha, o que identificamos em [mi'ɲinu] *menino*, [smi'kɪtu] *sindicato*, [mmi'ɲiə] *menininha*, [e'ɲi] *ali*, [e'ɲi'mêtu] *alimento*. No /l/ interdental esta ocorrência tem valor zero, como em [sɔɫ] *sol* e [taɫ] *tal*, quando esse segmento vem na posição de coda.

d) Metátese e hipértese do /r/ formando grupo consonantal interno:

Metátese e hipértese

Drumi, praque
Catredau

Houve nos vocábulos [dru'míh] *dormir* e [pru'cé] *porque* uma transposição do fonema /r/ da sílaba pretônica da posição de coda para a posição de ataque, modificando a estrutura da sílaba CVC para CCV, além do apagamento do /r/ final em *drumi*, traço característico da marca do verbo no infinitivo. Já em [ketɾe'daw] houve a hipértese – transposição do fonema /r/ da tônica para a sílaba anterior.

e) Vocalização ou apagamento da líquida lateral /l/:

Vocalização de /l/ na semigogal /u/:

Mau-passadu	Consuta
Matratada	Probema
Agũa	Difiçu

Em final de sílaba a líquida lateral tende a vocalizar-se em /w/, fazendo surgir o ditongo [aw] como em [maw] *mau*, ou sofre queda quando em sílaba átona: [v'Gũə] *alguma*, [metɾe'tádə] *maltratada*, [dɪ'fisɔ] *difícil*. Em [prɔ'bēmə] *problema* houve o rotacismo desta lateral.

f) A síncope /r/ e /d/:

Síncope

Pecurei, Pá, Passanu,	Cumeçanu, andanu, Dizenu,
ajudanu, Juntanu, ficanu,	Fazenu, infraquicenu, Sempí,
lutanu, batenu,	Pêdu, ôtu, cumadi

A supressão de fonemas /r/ em posição de coda como em [pequ'rêj] *procurei*, [pá] *pra* e do /d/ intervocálico assimilado à dental /n/ como em [pe'sõnò] *passando* constitui uma ocorrência bastante comum não só no linguajar do sertanejo de Balsas, mas da fala rural e urbana em geral. Chistino (2001) disserta sobre a frequência da síncope do /d/ baseada nos estudos publicados por autores nacionais entre 1920 e 1945, em que analisa a influência negra na formação do português brasileiro.

g) A nasalização:

Nasalização

Vïeru
Prã mim

Em [vĩ'éɾu] *vieram* e em [prã mĩ] *para mim* as vogal orais /i/ e /a/ respectivamente sofreram a assimilação nasal à distância do fonema /m/, ou, retomando Crowley (2003), classificá-los como um tipo de assimilação denominada *harmonização nasal*.

h) Africação de /t/ e /d/ diante de /i/:

Africadas

Onti, médicu Tardi, ondi, dia

As oclusivas dentais surda e sonora /t/ e o /d/ respectivamente realizam-se, diante da vogal /i/, nas oclusivas alveolopalatais [tʃ] e [dʒ], naquela região, como em [ˈõtʃɪ] *ontem* e [ˈmédʒɪqu] *médico*.

i) Apagamento de sílaba inicial:

Aférese

Tava, cabava,
gasaiva, □aia,
ocê/ce, gafiar

No discurso analisado a aférese aparece de forma bastante produtiva, principalmente em sílabas iniciais com estrutura V e VC átonas como em [eʃtáva] > [ʃtáva] > [táva] *estava*; [gezeʃjávə] *agasalhava*, [mǝʃjǝ] *amanhã*. Além dos verbos e advérbios há registro desse fenômeno em outras classes de palavra, como no pronome [se] você com a sílaba CV.

j) Despalatalização do /ʎ/ e do /ɲ/:

Despalatalização

Muié, amãã, tia,
ďieru, sôra, mîa,
pedacim, ranchim

A despalatalização consiste na transformação dos fonemas palatais /ʃ/ e /ʎ/ intervocálicos, através do processo de iotização. Também é conhecido como “yeísmo” e está presente em muitos outros dialetos. De mulher [mʊʎéh] > [muʎéh], com o apagamento do /r/ final, e finalmente [mʊʃé]. Já amanhã [ɛmǝɲǝ] > [ɛmǝʃǝ], pedacinho [pɛdɐʎĩɲʊ] > [pɛdɐʎĩ], com o apagamento de [ɲʊ].

k) Rotacismo de /l/ em /r/:

Rotacismo

Prantu, prantei,
compretu

É instável a ocorrência da deslateralização da líquida /l/ no interior da sílaba na vibrante simples /r/ nos encontros consonantais, caracterizando a fala do *continuum* rural, ocorrendo o fenômeno da *variação livre* na linguagem do sertanejo da região de Balsas, em que registramos, por exemplo, [ˈpr̃ɐtu] *planto*.

Haplologia

bêbu

Segundo Crowley (2003) é incomum a ocorrência da haplologia, que é o apagamento de uma sílaba em função de estar próxima a uma outra idêntica ou bastante semelhante, conforme exemplificamos em [ˈbɛbabu] > [ˈbɛbu] *bêbado*.

2.2. Caracteres lexicais

2.2.1. Itens lexicais²:

a) Inventário de itens que apresentam mudanças fonético-fonológicas:

Adévogado

Ceixa: *Aí baxô. Cabô a cûnversa da apusentaçãu. Aí u Luiz Carlu mi botô na mãu du adévogadu! Maiz eu têu... eli Luís Carlu foi na mîa casa i viu u trabai qu' ieu trabaiê*

² O “S” é o mesmo que significado no contexto e o “H” significado segundo o Dicionário Houaiss.

S: Advogado

Mãnicipiu

Maria: E: Ondi é qui a sñora mora, como é o nome do lugar assim bem cerfũm qui a sñora mora?

Disa: *Baxa Funda, mãnicipiu di Bausa:*

S: Município

Pecurei

Ceixa: *Não, eu fui lá, ela nũm tava. Aí eu pecurei a ela. Aí eu digu: “- E aí, cadê a muié?” Ela disse: “- Não, eu vô ligá pra ela pra nós í lá”.*

S: O mesmo que perguntou

H: etim. lat. *praecunto*, as, avi, atm, are; l. c. *percontare* ; séc. XV *perguntarrom*; indagar.

Obrigo

Ceixa: *Eu saía di mãã cincü hora cũm sêi peça di rôpa da... qui, qui di primêru ali er’ u Dr. Agustĩm, qui tĩa ali na parti do ospital São Jusé. Eu batia aquela rôpa i déchava eli duenti pra... nu obrigu*

S: o mesmo que abrigo

H: etim. Lat. *obligo* - submeter(se) a uma imposição

Salaro

Ceixa: *Qui eu pagu u sinicatu. Antõw eu fui seu... dê ur documẽntu, seu Luir mostrô aquelir docũmentu, chegô lá rá fazia dia qui meu dñêru tĩa chegad’ aí. Aí eu tirê ãm poquĩ sigũnda-fêra, nu dia dois eu tirê u salaru compretu.*

S: Salário

Drumi(r)

Ceixa: *E eu chegava cincü hora. Chegava tava aí ur mininu tudu sêi cũmê i eli. Eu ia fazê u dicumê, cabava de fazê dicũmê, gazaiaa, ia batê rôpa, ia passá ferru até a hora qu’ ieu passava qu’ ieu vĩa drumi.*

S: o mesmo que dormir

b) Inventário com processos de derivação não-tradicional:

Apusentação

Ceixa: *Não sñora. Eu moru mermu nu sertãu. Eu vim, demorei essi’ sôtu... essir dia pá arrumá essir documẽntu dessa apusentaçaũ ...*

Maria: Di quê?

Ceixa: *Dessa apusentaçaũ.*

S: o mesmo que aposentadoria

H: etim. *aposentar+ação*; o mesmo que aposentadoria

Menopá

Disa: *Tõ suadĩa (risos)...*

Maria: É qui tá quenti, Dona Disa.

Disa: *É qui tá quenti, i eu tẽu ãa agitaçaũ da menopá i aí ela misturô aqui (risos).*

S: menopausa

c) Inventário cujos termos constam do dicionário da língua geral amazônica:

Pacará

Dacira: *Pacará!*

Maria: Pra que qui servi o pacará?

Dacira: *Pá □ arrega toda coisa qui ocê precisa. E aí você carrega lĩa..., você carrega u volumi. (...)*

S: cesta feita com palha de palmeira que serve como depósito

H: etim. Tupi; cesta redonda feita com palha de palmeira e em várias cores.

d) Categoria de itens lexicais idiossincráticos:

Mamucapo

Dacira: *Sim. É essi aqui, ó, qui é u mãmucapu.*

S: peça que ajuda a manter organizadas as linhas de fiar

H: mamucaba – trançado que liga o pano aos punhos da rede

Furmina

Cícero: *Têi... Vixi! A penadã tá lá reservada, chega furmina.*

S: existe em quantidade quase que excessiva

Penadã

Ciro: *Têi.. Vixi! A penadã tá lá reservada, chega furmina:*

Maria: Só ciscando... furmina?

Ciro: *É*

S: galinha, frango, capão.

Vertença

Disa: *pruquê lá é bom, lá têi nossas vertença, nóiz... nóiz vamu par nossa... dar nossa arvi, nós vamu contá nossas historã, bunita, vamu u córgu, tom' um bãl mar beleza, mió di que essas águia aqui, nũm é?*

S: o mesmo que diversão

e) Itens lexicais com especificação de significado:

Marreta

Dacira: *Essa aí é ãa peça da renti pilá arroiz.*

Maria: Comu é qui ela si chama?

Dacira: *Marreta!*

S: espécie de martelo de grande tamanho que serve para pilar arroz ou outro tipo de cereal; possui a mesma função que a *mão-de-pilão*.

H: pequeno marrão de cabo comprido.

Tramóia

Dacira: *Eu, da mĩa lĩnguagi antiga, chamava era tramóia, agora vou até lhi contar um casu.*

S: tipo de renda feita manualmente sem o uso de nenhum instrumento

H: etim. esp. Tramoya tipo de renda paulista, de pontos largos.

2.2.2. Expressões lexicais

a) Expressões lexicais que conotam as dificuldades, os males da vida:

Aí baxô

Ceiça: *Aí baxô. Cabô a cũnversa da apusentação. Aí u Luiz Carlu mi botô na mãu du adévogadu! Maiz eu tẽu... eli Luíz Carlu foi na mĩa casa i viu u trabai qu' ieu trabaiê.*

Aí parou tudo, deixou de ser dado prosseguimento ao processo de aposentadoria.

b) Sobre as prudências práticas do cotidiano:

Que' ieu num dô dicumê a priquito

Ceiça: *É fava, é fējãw, é mii. Só não arroiz... nũ vô mĩnti, qu' ieu nũ prãntu mai' zarroiz qu' 'eu nũ dô dicumê a priquito maiz ... ãa véa cũma eu, mĩa paciência rá tá curta p' eu gritá.*

Que eu não dou comida aos periquitos, que eu não vou trabalhar à toa.

c) Expressões de cumprimento e de tratamento:

É gosto

Maria: Pois tá muito bem, tá, D. Ceiça? Muito obrigada aí pela sua entrevista.

Ceiça: *Pois é. É gosto.*

Disa: *Foi di gostu, muito bẽi.*

Foi com prazer; foi com gosto.

d) Consequências físicas da velhice, do destino:

Acabei mĩas fõças

Dinga: *Ah! Meu Deus! Acabei mĩas fõça!*

Trabalhei demais

Ia batê rôpa

Dinga: *Chegava tav' ur mininu aí tudu sêi cumê i eli. Eu ia fazê dicumê, cabava di fazê dicumê, gazaiava, ia batê rôpa.*

Ia lavar a roupa.

e) As ações e a vida social:

E habilitô nóis

Ceiça: *Pois é. Eu sô du dia vinti i cincü di maiu di quarenta i três. In quarent' i três. In quarent' i quatu meu pai casô nu civili i habilitô nóiz aqui. Ali nu cartório da Maria Alice. Aqui nu Bausa.*

E registrou-nos no cartório

Todu'zu'zanu eu boto

Ceiça: *Têu mĩa roça lá, tô mi vendu p' eu i, p' eu pudê agasaiá mĩas, meus trêizim qu' ieu... eu agazaiê, qu' ieu prãntei, qu' ieu têu, i todüz'uz'zanu eu botu.*

Todos os anos eu planto

f) Expressões que conotam causalidade do mundo e da vida física:

Era menu dum oi

Ceiça: *Eu fui criada na roça... puquê eu nũm tô... si... si meu irmão tivessi aqui eli dizia tudu, du qũndu eu cumecê mĩntêndê, qui meu pai era mẽnu dũm ôi, noiz era ser muié dentu di casa, só era um homĩm, õntõw eli casô i nói fiquẽmu.*

Tinha um olho a menos

Fui ofendida

Dinga: *Eu digu... Eu rá fui ofindida duas veiz.*

Fui picada por cobra

Inda hoji tem certidão

Dinga: *É... É bom! (...) aí fui ofendida... podói... qu' inda... inda hoji tem certidãu.*

Ainda hoje há a marca da picada.

Pru modi

Ciro: *A roça nũ deu, eu prantei, mar nũ deu nada, deu ãa pesti di bichu dũa sãora di cigarriã, qui... cortô, cumeu todĩ, i aliãs pru modi aproveitã esse trẽi pá num tê perdidu eu joguei um pastu im cima.*

Por causa, por que.

3. Conclusão

A partir dos dados analisados, identificamos fenômenos da língua do sertanejo da região de Balsas, tais como a palatalização, a despalatalização, o rotacismo, a monotongação, a ditongação, a harmonização vocálica e tantos outros aqui apresentados que também são recorrentes em muitos outros dialetos. Eles contam o processo histórico da língua a partir da pesquisa com uma base fundada na lingüística histórica, a qual possibilita o cruzamento desses dados nos quais se entrelaçam o presente e o passado da língua. E pelo simbólico da língua percebemos formas identitárias desse falante, posto ser a língua o signo primeiro pelo qual o sujeito – sertanejo - se significa. Vale acrescentar-se à importância desse estudo, que o registro, a descrição e a análise desses fenômenos, por si só poderiam justificar a pesquisa, tendo em vista a mobilidade e heterogeneidade das línguas vivas contextualizadas não só num período de mudança de tempo, como em tempo de mudanças, salientadas pela força da globalização, pelos processos migratórios e pelos sistemas de comunicação desregionalizantes.

4. Referências bibliográficas

AGAR, M. *The professional Stranger: an informal introduction to ethnography*. London: Academic Press, 1980.

BRAGGIO, S. L. B. Revisitando a fonética/fonologia da língua XerenteAkwe: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Maybure-Lewis (1965) com os de Braggio (2004). *Signótica*, Goiânia, v. 17, p.251-273, 2005.

CALLOU, D. e LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas de lingüística descritiva*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COZBY, P. C. *Métodos de pesquisa em ciência e comportamento*. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1. ed., 1976.

CRISTINO, B. O papel do negro na formação do português brasileiro na visão de estudiosos dos anos 1920 a 1945. *Centro de Documentação em Historiografia da lingüística – CEDOCH.-DL; CAPES*, 15 p. 2001.

CROWLEY, T. *An introduction to historical linguistics*. New York: Oxford University Press, 3. ed, 2003.

FARACO, C. A. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 13. ed., 2005.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 3. ed., 1992.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

TEYSSIER, R. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*. 6. ed. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro-RJ. 1994.